

SOUSA, Sérgio Guimarães de – Saber, patriarcado... e idiotia (sobre *A Queda dum Anjo*, de Camilo Castelo Branco). In ÁLVARES, Cristiana; CURADO, Ana Lúcia; SOUSA, Sérgio Guimarães de – *Figuras do Idiota: literatura, cinema, banda desenhada*. Braga: Humus; Universidade do Minho, 2015. p. 217-225.

ESPECIFICIDADES DO DISCURSO POLÍTICO PARLAMENTAR EM *A QUEDA DUM ANJO*, DE CAMILO CASTELO BRANCO

Maria Aldina Marques¹

A perspectiva teórica aqui adotada é a da Análise do(s) discurso(s), unidades empíricas, e portanto plurais (ADAM, HAILON, MARQUES, entre outros²), de que saliento três pressupostos basilares:

a. Os discursos são práticas sociais, marcadas pela natureza verbal do evento e reguladas por géneros, que são, por sua vez, modos de dizer social e historicamente situados (agregados a tipos discursivos ou lugares de discursos).

b. Falamos por géneros. Deve lembrar-se, a propósito, que Mikhail Bakhtine³ os coloca ao mesmo nível constitutivo da sin-

¹ Universidade do Minho – CEHUM.

² ADAM, Jean-Michel – *Analyse textuelle des discours: niveaux ou plans d'analyse*, p. 191-202; ADAM, Jean-Michel – *Discursivité, généricité et textualité. Distinguer pour penser la complexité des faits de discours*, p. 9-27; HAILON, Fred – *L'énonciation dans les pratiques de l'hétérogène*, p. 119-134; MARQUES, Maria Aldina – *Para uma análise linguística dos discursos. A heterogeneidade enunciativa como princípio ordenador da investigação*, p. 107-121.

³ BAKHTINE, Mikhail – *Esthétique de la création verbale*, p. 263-308.

taxe, sublinhando, deste modo, a centralidade dos géneros na construção da relação verbal interacional e, portanto, na organização e funcionamento da língua.

c. O sentido é construído em contexto. Remeto para Luiz Marcushi⁴, na explicitação desta questão: «os sentidos fundam-se numa atividade de interação e coprodução em que os conhecimentos partilhados têm um papel crucial».

A aplicação deste quadro teórico a *A Queda dum Anjo* leva à consideração do discurso literário e, aí, de um texto particular marcado pela crítica e pela ironia⁵ e cuja trama decorre num contexto histórico, social e político identificado com o século XIX português, com destaque para o ambiente lisboeta.

No que concerne, especificamente ao «discurso político parlamentar» em *A Queda dum Anjo*, esta designação poderia ser considerada, de algum modo, ambígua, pois, efetivamente, nunca ocorre aí um debate parlamentar «real», o que acentua de imediato a questão da relação possível entre realidade e ficção. Com efeito, a categorização como debate parlamentar é, obviamente, uma simulação, mas a simulação faz-se de verosimilhança. Assim, recategorizo a questão como «cenas parlamentares» em *A Queda dum Anjo* (a partir de agora *AQdA*), para referir essa simulação do género. Não significa este reenquadramento que as cenas parlamentares são marginais na economia da obra, antes configuram uma das vertentes fundamentais do sentido global do texto.

De facto, vale a pena prestar atenção a esta dimensão política de *AQdA*, onde se pode isolar, dos diferentes fios da trama narrativa, a história de um parlamentar.

⁴ MARCUSCHI, Luiz Antônio – Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais, p. 8.

⁵ *A Queda dum Anjo* é, em termos de género, um texto definido, em sucessivas categorizações – categorizações do falante, é certo – como romance, conto ou, também, novela, segundo perspetivas que privilegiam diferentes parâmetros de categorização, mas sobretudo acentuam a instabilidade característica das categorizações.

1.1. Metodologia

Dado que o objetivo é determinar as especificidades do discurso político parlamentar em *AQdA*, irei privilegiar uma abordagem contrastiva do texto camiliano, que citarei pela 13.^a edição (1979) da editora Parceria A. M. Pereira.

Far-se-á, em primeiro lugar, a comparação com excertos de debates parlamentares autênticos: os Diários das sessões da *Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa*, de 23 de março de 1864, 30 março de 1864 e 14 de junho de 1864⁶. Tomando como ponto de referência a afirmação inicial de *A Queda dum Anjo* – «Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda, morgado da Agra de Freimas, tem hoje *quarenta e nove anos*, por ter nascido em 1815, na aldeia de Caçarelhos, termo de Miranda»⁷ –, podemos concluir que estamos em pleno ano de 1864 (ou estaríamos se a distração e liberdade literária não impedissem que, no capítulo vii, Calisto fosse remoçado em cinco anos: «Calisto Elói, naquele tempo, orçava por quarenta e quatro anos»⁸). Apesar destas oscilações, fica assim justificado o *corpus* de comparação que escolhi, relativo ao ano de 1864. Não será despidendo para a valorização do *corpus* assinalar que, entre os deputados presentes nestas sessões, está Aires de Gouveia, satirizado em *AQdA* como «o doutor do Porto».

Num segundo momento, e perspetivando a questão dos géneros diacronicamente, far-se-á a comparação com excertos de Diários da Assembleia da República, de 2006, 2009 e 2012.

⁶ Segundo a apresentação oficial, no site do Parlamento português, «este catálogo possui os Diários das sessões da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa que decorreram entre Novembro de 1822 e 1910. [...] Alguns diários cujas publicações não existem, foram substituídos por atas impressas que contêm apenas um resumo da sessão parlamentar ou pelas publicações do Diário do Governo, Diário de Lisboa ou Gazeta de Lisboa». Está disponível em [www:<url:http://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd>](http://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd). A outra Câmara é a Câmara dos Pares do Reino.

⁷ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 9.

⁸ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 51.

2. O debate parlamentar como simulação no quadro da ironia global de A Queda dum Anjo

O ponto de partida que estabeleci para a presente análise é o facto de em *AQdA* estarmos perante uma simulação e deformação caricatural do género debate parlamentar, em consonância com o tom discursivo global. Pretendo mostrar até que ponto essa deformação acontece e quais os recursos linguísticos e discursivos usados.

A questão da simulação será abordada no quadro de dois conceitos, o *pastiche* e *paródia*⁹. Seguindo Linda Hutcheon¹⁰ e Marc Bonhomme¹¹, deve salientar-se a relação possível entre paródia e *pastiche* e as suas características. Para Marc Bonhomme¹², «a paródia é uma operação de vampirização», que não se confina à literatura antes ocorre noutras áreas da atividade discursiva; articula-se, deste modo, com a definição proposta por Linda Hutcheon¹³, que realça na paródia a dimensão da imitação, mas «characterized by ironic inversion».

A paródia está estreitamente relacionada com o *pastiche*, que, segundo Marc Bonhomme¹⁴, «consiste en une imitation de matrices génériques (*pastiche* de genre) ou scripturales (*pastiche* de style), *davantage convergente* que divergente», enquanto a paródia se apresenta como «une transformation citationnelle ludique – *plus divergente* que convergente – d'une occurrence-source exemplarisée».

⁹ Não pretendo discutir os conceitos, mas apenas selecionar uma definição que baste à análise.

¹⁰ HUTCHEON, Linda – *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Lisboa: Edições 70, 1985.

¹¹ BONHOMME, Marc – Publicité et estompage du genre. In MONTE, Michel; PHILIPPE, Gilles (org.) – *Genres & Textes: déterminations, évolutions, confrontations*, p. 88-102.

¹² BONHOMME, Marc – Publicité et estompage du genre. In MONTE, Michel; PHILIPPE, Gilles (org.) – *Genres & Textes: déterminations, évolutions, confrontations*, p. 88-102.

¹³ HUTCHEON, Linda – *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*, p. 34.

¹⁴ BONHOMME, Marc – Citations parodiques et iconicité dans le discours publicitaire, §1.

Interessa-me observar o discurso político parlamentar de *AQdA* como *pastiche* e paródia do debate parlamentar da época, a partir da consideração do posicionamento irónico do locutor-narrador. Como referi, a ironia domina *toda a obra* e o *pastiche* e a paródia são estratégias ao seu serviço; preveem um posicionamento do locutor-narrador marcado pelo distanciamento face às diferentes personagens, às suas atitudes e pontos de vista, e às situações representadas. Decorre deste distanciamento uma desresponsabilização enunciativa com consequências na construção de todo o discurso.

Lembrarei apenas, alguns momentos dessa ironia global e sistemática, que mostra o distanciamento do locutor-narrador. Em (1), o distanciamento está marcado no próprio comentário metadiscursivo (observem a modéstia da gradação), um ponto de vista irónico a que o locutor se assimila; em (2), a contiguidade textual e espacial, da vetustez dos livros e da carga de presunto e orelheira, produz um efeito de ridículo que atinge a imagem de Calisto Elói:

(1) – Isso não, perdoará vossemecê, tio José do Cruzeiro – observou o mestre-escola – os impostos é necessário pagá-los. Sem impostos, não haveria rei nem professores de instrução primária (observem a modéstia da gradação!) nem tropa, nem anatomia nacional¹⁵.

(2) O deputado mandou adiante por almocreve *duas cargas de livros, nenhum dos quais tinha menos de cento e cinquenta anos*. Seguiu-se, na condução dos machos portadores, *uma carga de presunto e orelheira*, substância quotidiana da alimentação de Calisto Elói¹⁶.

O mesmo distanciamento irónico enquadra o ambiente político parlamentar na obra. Os títulos de diferentes capítulos mostram essa vertente crítica; o capítulo III – *O demónio par-*

¹⁵ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 19.

¹⁶ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 25.

lamentar descobre o anjo –, o capítulo vi – *virtuosas parvoíças* –, ou o capítulo viii – *faz rir o parlamento* –, são exemplo de alguns dos títulos que apontam para esse distanciamento crítico corrosivo. Mais elucidativos são, contudo, os comentários e relatos do locutor-narrador, que dão de Calisto Elói uma imagem negativa. Desde o início do romance, o narrador ridiculariza a personagem. De facto, Calisto não será nunca «uma pedrada no charco» político, do ponto de vista do narrador. É o que ocorre nos exemplos (3) e (4):

(3) Principiou, desde logo, o morgado eleito a refrescar a memória com as suas leituras de história grega e romana. Era isto *entroixar ciência e enfeixar flores* para o Parlamento¹⁷.

(4) Calisto Elói *desamparara* a sua cadeira do *Parlamento*, quinze dias antes de encerrada a legislatura¹⁸.

Tal como em (1), no exemplo (3), o olhar desvalorizador do narrador agrega, numa estrutura sintática e semântica única, a personagem e o parlamento. A negatividade do verbo *entroixar* inesperadamente ligado à *ciência*, pela relação entre núcleo de predicado e complemento direto, desvaloriza esta última. Mas não para aí esse movimento de menosprezo, exacerbado pela ligação copulativa com o sintagma *enfeixar flores* (as flores, que não são mais que as desvalorizadas *flores de retórica*) e a repetição do mesmo processo sintático, pela relação com o predicado *enfeixar*, que adquire aqui conotações negativas. Assistimos a um processo complexo e cumulativo de intensificação ou superlativação para acentuar a apreciação negativa do evento, categorizado inicialmente como refrescamento da memória com leituras da história grega e latina, numa relação com os clássicos apenas baseada em memorização, e retomado e clarificado pelo narrador como duas atividades marcadas por uma avaliação negativa ainda mais forte.

¹⁷ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 24.

¹⁸ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 190.

O excerto em (4), menos explicitamente negativo, não deixa de ser mesmo assim penalizador para Calisto, para o seu dever de deputado, na sinédoque usada do abandono da cadeira e na convocação da expressão valorativa negativa «desamparar a loja», apenas a 15 dias do encerramento da legislatura e do final do compromisso que assumira. A escolha de uma expressão popular para falar do abandono do cargo político penaliza, mais uma vez, e pelo ridículo, a imagem de Calisto Elói.

Neste quadro interdiscursivo, de retoma e simulação que serve o objetivo central de crítica e de sátira, é a vertente paródica que tem merecido mais atenção. Vários autores abordaram esta vertente, a propósito das palavras de Aires de Gouveia, na relação com a polémica, a que Sónia Rodrigues¹⁹ se refere como «a incorporação deformante da palavra do outro em determinado texto». Trata-se da *vampirização* desse famoso texto sobre *A reforma das prisões* (famoso por via dessa mesma vampirização, dado que sem *AQdA* teria provavelmente desaparecido...), mas creio que podemos estender esse fenómeno de vampirização às intervenções de Aires de Gouveia enquanto deputado na *Câmara dos deputados*. Os excertos (5), de *AQdA*, e (6), do *Diário da Câmara dos Deputados*, aproximam-se no objeto de discurso, são questões de direito penal, mas também no sujeito, encarecido ou encarecendo-se em ambas as situações:

(5) Eu citarei, com quanta ênfase me cabe na alma, algumas linhas *do jovem esplêndido de verbo, que auspícia e promete o primeiro criminalista desta terra*. Falo de Aires de Gouveia, e nele me estribo²⁰.

(6) O sr. Ayres de Gouveia²¹: – [...] Para mim há aqui dois pontos gravíssimos - a penalidade e a instrução. Querer discutir um código assim de salto, não me parece conveniente, sobretudo

¹⁹ RODRIGUES, Sónia Valente – *A Queda dum Anjo* como texto de polémica, p. 239-272.

²⁰ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 117.

²¹ António Ayres de Gouveia Osório, clérigo e professor de Coimbra, foi ministro da justiça, de 5 de março a 17 abril de 1865.

quando vejo assignado o parecer por homens aliás habilíssimos e importantíssimos mas nem um só jurista. Fazer um código penal por homens completamente estranhos á sciencia, não sei o que me parece.

Se lendo o código achasse que elle não tinha pecha, ainda o aceitava; mas não acho que seja assim, por consequencia levantando-me para protestar.

Esta lei, se passasse assim, era um retrocesso e não um progresso de civilidade.

[...] *não hei de sancionar com o meu voto o estado da nossa legislação penal actual.*

Diário da Câmara dos senhores deputados, 14 de junho de 1864.

3. Características do discurso político parlamentar

Deixarei, no entanto, de lado esta dimensão da paródia, para me interessar pelo discurso parlamentar de *AQdA*, enquanto *pastiche*.

Sendo o processo de *pastiche* uma retoma mais apoiada na semelhança que na diferença, torna-se necessário conhecer o Parlamento enquanto lugar de discursos, lugar institucional, com os seus próprios géneros discursivos. Da variedade de géneros a que, de facto, o Parlamento dá lugar, vou reduzir a atenção aos debates parlamentares, porque é o género referido em *AQdA*²²:

(7) Eu queria-me entender com o Sr. deputado, a fim de tirarmos algum proveito deste *debate*...²³

A síntese das características individualizadoras do género tem como ponto de partida as regras regimentais actuais. Sobressai, dentre as características dos debates parlamentares, o facto de serem discursos ritualizados; o Regimento Interno

²² Vale dizer que no Parlamento actual temos debates (no plural), que se enquadram em vários subgéneros (debate do estado da nação, debate da interpelação ao governo, debate quinzenal, etc.).

²³ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 74.

[1857] da Câmara dos senhores Deputados, como o Regimento da Assembleia da República, estabelece um conjunto de regras a serem respeitadas.

Quanto aos objetivos dos debates, um dos centrais é aprofundar o dissenso e, por isso, todo o debate parlamentar é potencialmente polémico²⁴.

O estilo parlamentar é devedor deste enquadramento básico.

O tempo-espaço da ocorrência de cada debate é também um parâmetro definidor. Ocorrendo no Parlamento, e dependendo do tipo de debates, têm periodicidades distintas, pré-estabelecidas. Ao contrário do que ocorre atualmente, a duração das intervenções não estava definida à época. De facto, a duração da intervenção de Calisto (8), parecendo, à luz das regras parlamentares actuais, decorrer da construção do ambiente e da personagem, como uma «liberdade» do autor, é na verdade a replicação da estrutura Parlamentar da época (9):

(8) Desviei-me algum tanto, Sr. presidente. Vou chegar-me à questão, e concluir, *porque a hora me não permite delongas*, nem a Câmara terá a benevolência de mas tolerar [...].

Concluí, Sr. presidente.

O presidente: – Fica reservada para amanhã a palavra ao Sr. Dr. Libório de Meireles, e está fechada a sessão²⁵.

(9) *Sr. presidente, deu a hora*; e comquanto não queira abusar da paciencia da camara, vejo me forçado a ficar com a palavra, por não poder hoje concluir as minhas reflexões. *Peço a v. ex.ª que m'a reserve*.

Vozes: — Muito bem, muito bem.

Diário (Câmara dos senhores deputados), 23 de março de 1864.

²⁴ CHARAUDEAU, Patrick – La situation de communication comme fondatrice d'un genre: la controverse. In MONTE, Michèle; PHILIPPE, Gilles (org.) – *Genres & Textes: déterminations, évolutions, confrontations*, p. 49-69: «[...] la polémique qui, étant essentiellement vouée à la destruction verbale de l'interlocuteur-adversaire, apparaît plus comme une stratégie discursive que comme un genre à part entière».

²⁵ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 63-64.

Quanto à tomada da palavra, as disposições regimentais oitocentistas fazem-na depender, pelo menos em parte, de um ato de pedido ritualizado (*Peço a palavra*), que consta do artigo 30 do *Regimento*, mas é da iniciativa do próprio parlamentar, o que provoca momentos de alguma tensão, por interrupção abrupta do orador, a que *AQdA* dá visibilidade:

(10) Sr. presidente. Muito ao meu pesar, e talvez da Câmara, volto de novo a expender as *razões já três vezes inutilmente expendidas* sobre o dever e justiça com que o Porto reclama um subsídio para o seu teatro lírico. Sr. presidente.

– *Peço a palavra!* – bradou Calisto Elói, erguendo-se inteiro e fulminante. – *Peço a palavra!* [...]

– *Tem a palavra o Sr. Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda* – disse o presidente²⁶.

Os relatos da Câmara dos deputados dão conta deste mesmo procedimento, que está ausente das interações atuais no parlamento, e da mesma tensão interpessoal na disputa pela manutenção ou tomada da *vez*²⁷:

(11) É que o fabricante introduziu na sua fabrica materia estranha ao tabaco em uma certa quantidade, que não é necessaria para a manipulação do genero, isto é que faz passar como tabaco aquillo que realmente não o é (apoiados).

O sr. Luciano de Castro: – *Peço a palavra para um requerimento.*

O Orador: – *Não me cumpre entrar nas intenções do illustre deputado, e mesmo estou muito longe de saber qual é o objecto do requerimento para que ouço pedir a palavra; se for para suffocar a discussão depois de eu fallar, honro me*

²⁶ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 42.

²⁷ *Ve* é um termo da análise conversacional. Designa uma unidade interacional, também referida como *turno*.

muito de ter contribuido tanto para o esclarecimento d'esta questão, visto julgar se que depois de mim não é preciso que ninguém mais falle sobre ella. E uma cortezia que agradeço. *Diário (Câmara dos senhores deputados)*, 23 de março de 1864.

(12) Que fez o governo desde que os primeiros symptomas se manifestaram graves e aterradores no districto de Villa Real? Era na cidade do Porto. Uma commissão composta de cavalheiros distinctissimos do districto de Villa Real foi ali para apresentar as suas queixas contra os abusos electoraes das auctoridades administrativas d'aquelle districto, solicitar uma audiencia de El-Rei. (...).

O sr. Luciano de Castro: – Se a questão de Villa Real está em discussão, peço a palavra.

O Orador: – *Não está em discussão, nem eu agora a discuto; mas o medico que discute um symptoma pôde fallar da molestia (apoiados).*

Diário (Câmara dos senhores deputados), 30 de março de 1864.

Esta característica decorre do artigo 38 do *Regimento*, que contempla o encerramento da discussão (ou adiamento) através da votação da Câmara.

Outras semelhanças na estruturação discursiva sobressaem do confronto de *AQdA* e do *Diário* das sessões da Câmara dos senhores deputados, nomeadamente dimensões não verbais de apoio e contestação, que não irei, no entanto considerar²⁸.

3.1. O estilo parlamentar

Selecionei o estilo parlamentar como dimensão a comparar. A regulação da linguagem usada no Parlamento é particularmente vaga ou omissa, ainda que a consciência de uma *linguagem parlamentar* seja afirmada com alguma frequência,

²⁸ O sr. Gouveia Osório: E, pois, antevejo que não há mais dizer, sem entibiarme a nota de repetições, aqui ponho fecho. (O orador foi cumprimentado). CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 72).

sempre no quadro de um processo argumentativo a que o comentário metadiscursivo serve:

(13) O Orador: [...] Esta questão, desengane-se a camara e o governo, esta questão não é o capricho de um homem, como se disse por ahi; é o remorso de um partido! (Apoiados.) O assassino pôde lavar das mãos o sangue da sua victima, mas não pôde nunca arrancar a mancha da sua consciencia (susurro). Não trago isto como comparação, que fôra offensivo o argumento, e eu não desejo offender nenhum dos meus colegas. Diário (Câmara dos senhores deputados), 23 de março de 1864.

(14) O sr. Fontes Pereira de Mello: Eu entendo que é licito a cada um dizer a sua opinião, e referir-se ás opiniões dos seus collegas, que todos temos essa liberdade, mas que devemos usar d'ella com lealdade e delicadeza. Pela minha parte assim o faço sempre, e procuro exercer esse direito dentro dos limites de uma justa cortezia parlamentar quando me dirijo aos meus adversarios (apoiados). Diário (Câmara dos senhores deputados), 23 março 1864.

Calisto Elói não fica imune a estas restrições regimentais, aliás, a linguagem parlamentar é um dos tópicos mais frequentes na intervenção do protagonista de *AQdA*:

(15) O orador: – Ordem, Srs. deputados, peço eu para a língua portuguesa! Peço-a em nome dos ilustres finados Luís de Sousa, Barros, Couto, e quantos, no dia do juízo, se hão de filar à perna do Sr. Dr. Libório. O presidente: – Peço ao ilustre deputado que se abstenha de usar frases não parlamentares. O orador: – Tomo a liberdade de perguntar a V. Exa. se as locuções repolhudas do ilustre colega são parlamentares; e, se o são, peço ainda a mercê de se me dizer onde se estudam aquelas farfalhices. (Vozes: Ordem! ordem!)²⁹.

²⁹ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 73.

Mas, de facto, o *Regimento* apenas impõe, artigo 31, a proibição de ler o discurso, «excepto para propor os motivos e fundamentos de uma proposição apresentada á camara»; por sua vez, o artigo 32 proíbe a manifestação alta da «aprovação ou reprovação das opiniões do orador», algo que na realidade ninguém respeita, sem que isso acarrete uma sanção verbal imediata, acrescentando que «nas discussões é prohibido todo o insulto e toda a personalidade»; finalmente, e segundo o artigo 33, o «descomedimento» verbal pode levar à expulsão da sala.

Nos debates parlamentares, a relação interpessoal está regulada: é uma relação formal, entre interlocutores que desempenham funções institucionais ao mais alto nível da política e do governo. As formas de tratamento³⁰ são, por isso, deferentes, valorizadoras da imagem dos alocutários³¹:

(16) O sr. Thomás Ribeiro: – Se quando eu entrei n'esta casa tivesse duvidas a respeito do irregular procedimento do administrador do concelho de Castello de Paiva, depois das explicações que me acaba de dar o nobre ministro do reino nenhuma me podia restar. O processo do administrador do concelho está

³⁰ CINTRA, Luís Lindley – *Sobre as “formas de tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972; CARREIRA, Maria Helena – *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain; Paris: Éditions Peeters, 1997; MARQUES, Maria Aldina – Cortesia, formas de tratamento e géneros discursivos: condições de ocorrência e de uso. In SEARA, Isabel Roboredo (org.) – *Cortesia: olhares e (re)invenções*, p. 145-172.

³¹ A construção da imagem do locutor acompanha em *AQdA* essa formalização e deferência nas relações interpessoais: O Dr. Libório de Meireles: – Não veleri as armas do raciocínio para me ir à liça da absurdeza. Melhores fadas me fadaram; e não me estou aqui sabatinando como em pleitos de bancos escolares. (Vozes: Muito bem), (CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 74). Confronte-se, ainda, «humilde pessoa» e «humilde posto» nos exemplos seguintes, que, funcionando como *ethos dito*, servem, por oposição, um *ethos mostrado* engrandecido: «V. ex.^a ouviu de certo, e ouviram todos em uma das sessões passadas, creio que na de ante-hontem, uma apostrophe que o sr. Ministro da fazenda dirigiu á minha humilde pessoa [...]» (Diário, 1864); «Na primeira votação importante para o ministério, Calisto Elói defendeu o projeto que era vital para o Governo, e fez-se desde logo necessário à situação. [...] Disse que escolhia o seu humilde posto nas fileiras dos governamentais, porque era figadal inimigo da desordem» (CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 243).

nos documentos que s. ex.^a apresentou á camara. S. ex.^a não se atreveu, porque é muito cavalheiro para o fazer [...].

O sr. Presidente do Conselho: – Note o *illustre deputado* que eu disse...

Diário (Câmara dos senhores deputados), 23 de março de 1864.

(17) O que eu vejo? Quer o *illustre deputado* saber o que eu vejo? É a indústria agrícola de Portugal devorada pelas fábricas do estrangeiro³².

Mas, um objetivo fundamental dos debates, já acima referido, é o confronto; pretende-se radicalizar, aprofundar o dissenso. Na defesa de posições muitas vezes radicalizadas e na crítica aos adversários, sobressai por um lado a linguagem hiperbólica e a *argumentação ad hominem*, responsável pela dimensão polémica deste género discursivo. Camilo, ele próprio um polemista assumido³³ e orgulhoso de tal faceta, centra nesta vertente a cenas parlamentares de AQdA.

A hipérbole, associada a metáforas e comparações que servem a superlativação ou intensificação do dizer, é o protótipo do estilo parlamentar e, em particular, da construção argumentativa que visa acentuar do dissenso, que encontramos quer em AQdA quer no *Diário da Câmara*³⁴:

³² CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 61.

³³ RODRIGUES, Sónia Valente – *A Queda dum Anjo* como texto de polémica, p. 239-272.

³⁴ As diferentes figuras combinam-se na realização desta estratégia de dissenso, que deve, no entanto, ter limites. A preterição funciona como mecanismo de atenuação, ao serviço da ironia mordaz, no exemplo seguinte, em que o locutor insulta o ministro através de um ato de (pseudo)elogio, inviabilizado na continuação discursiva: “Depois de tudo isto o nobre ministro da fazenda empenhou-se, com todas as forças da sua intelligencia, que são muitas, em provar á camara que a régie ou administração por conta do estado era o pior de todos os systemas, não disse uma palavra ácerca da arrematação, que todavia é fulminada no relatorio do governo e da commissão, e por estas evoluções parlamentares lançou no meu espirito uma certa luz, que me faz ver hoje este negocio mais claramente do que até agora. *Eu, que sou muito desconfiado em politica, julguei ver n’isto um lapso, não direi um proposito*, pelo qual s. ex.^a deixou perceber que é possível ainda transigir n’este projecto (*Diário da Câmara dos senhores deputados*, 1864).

(18) Sr. presidente, a mim faz-me tristeza contemplar a *ribaldaria com que os belfurinhos de missangas e lentejoulas adornam a língua de Camões, despojando-a dos seus adereços diamantinos*³⁵.

(19) Sr. presidente. Lastimo este luxo que vejo em Lisboa! *Por toda parte, oiro, pedrarias, sedas, veludos, pompas, vaidades! Parece que toda esta gente voltou ontem da Índia nas naus que trouxeram as páreas do Oriente! Essas ruas estrondeiam de carruagens, calechas e berlindas, como se cada dia se estivesse comemorando a passagem do Cabo Tormentório ou o descobrimento da Terra de Santa Cruz, atirando às rebatinhas os tesouros que de lá nos vêm*³⁶.

(20) Sr. presidente! – disse Calisto. – Entendi quase nada, porque o Sr. deputado Dr. Libório não falou português de gente (risos nas galerias). *As laranjas, espremidas demais, dão sumo azedo, que corta a língua. O Sr. deputado fez do seu idioma laranja azeda*³⁷.

(21) E antes ide ir mais adiante, peço licença para dizer aos illustres deputados que têm fallado a favor do projecto, e que se têm inspirado de um profundo horror contra os monopolios, que isto que se propõe não é outra cousa se não um verdadeiro monopolio que se deixa aos contratadores actuaes (apoiados). *Diário (Câmara dos senhores deputados)*, 30 de março de 1864.

(22) Quando eu comecei a fallar n’esta questão, disse que ella era apenas *um symptoma da grave molestia que vae lavrando por toda a nação* (muitos apoiados). O systema que se apresentou nas ultimas eleições municipaes, foi apenas *o ensaio geral de um grande drama* que se preparava de certo para ser representado nas proximas fu-

³⁵ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 129.

³⁶ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 60.

³⁷ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 72.

turas eleições de deputados. Como é costume, appareceu algum publico a ver esse ensaio geral, e esse publico insofrido e indignado pateou estrepitosamente os papeis e os actores d'essa comedia (susurro e apoiados).

[...] Foi isso justamente o que o governo não pôde ainda conseguir. O paiz tinha adoecido de uma molestia grave chamada indignação, com accessos *intermittentes de desconfiança*. *Era difficil a cura*. Sabe v. ex.^a qual foi o intuito do governo na presença d'esta molestia gravissima do paiz? Foi trata-la com paliativos. Senão vejam.

Que fez o governo desde que os primeiros symptomas se manifestaram *graves e aterradores* no districto de Villa Real?

Diário (Câmara dos senhores deputados), 30 março de 1864.

(23) Sr. Gouveia Osório: (...) Ha cem annos que se ensaia, modifica e altera toda a especie de regulamentos. Ha cem annos que se empregam todos os meios artificiaes para proteger a industria vinicola e tudo o que lhe diz respeito, e ella cada vez a peor, e levada a uma posição precaria. *Como aquelle medico que assistia a Sancho Pansa, quando governava a ilha Baratária, que, querendo evitar que elle comesse tudo o que lhe podesse fazer mal, acabava por o matar á fome; assim os protecionistas, á força de quererem proteger por todas as fôrmas a industria vinicola, acabam por dar com ella em terra (hilaridade)*.

Diário (Câmara dos senhores deputados), 23 de março de 1864.

O discurso parlamentar está, em todos estes excertos marcado por uma linguagem de confronto hiperbolizada, que cria posições extremadas. Neste processo, é ainda evidente a centralidade dada à argumentação *ad hominem* quer nas sessões do parlamento oitocentista quer em *AQdA*.

As intervenções de Calisto no Parlamento, se são ditadas por crenças pessoais, dão azo, sobretudo, à expansão de um temperamento verrinoso, que já se havia revelado ainda quando vivia nas terras de Caçarelhos. E o Parlamento mostra-se um lugar privilegiado para este tipo de ataques, dando espaço a um con-

fronto "menos nobre". Mais ainda, as intervenções de Calisto decorrem de um sistemático sentimento de desforra:

(24) Salvo o abade, ninguém se atrevia a contrariá-lo, *desde que a um jovem deputado, que lhe observou o arcaísmo do traje, perguntou se ele era o alfaiate da Câmara, ou se as modas tinham fiscal subsidiado no Parlamento*³⁸.

(25) Aconteceu ainda que *outro deputado lhe analisasse galhofeiramente as botas aguçadas no bico*. Sabia Calisto Elói que este deputado era filho de um sujeito de Esposende que começara sua vida fazendo botas. Assim, pois, que o chocareiro subiu da análise das botas para a das polainas da calça, teve mão dele, dizendo-lhe: «*Agora, alto aí! Enquanto o senhor escarneceu o feitio das minhas botas, estava no seu ofício e no seu direito. Das botas acima, não. É o caso de eu lhe dizer como Apeles ao sapateiro que lhe censurava a pintura: ne sutor ultra crepidam; o que em linguagem quer dizer: «Não analise o sapateiro além da chinela*». Os circunstantes e a vítima fizeram-se de cor do nariz de Calisto³⁹.

(26) Andava o ânimo de Calisto Elói martelado pelo desejo de pôr cobro ao luxo da gente de Lisboa, sendo grande parte neste intento o haverem-lhe *os dois pisa-verdes do Parlamento metido a riso a sua casaca de briche*⁴⁰.

No último excerto, a possível seriedade é desfeita na estrutura oracional subordinada, onde o ponto de vista de Calisto sobressai. Mas não é apenas Calisto que recorre a tal estratégia; «O doutor do Porto» emparceira com ele no mesmo uso:

(27) o luxo, Sr. presidente, *é o espantalho dos ânimos sandios e cainhos*.

³⁸ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 53.

³⁹ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 53.

⁴⁰ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 58.

O deputado Calisto: – *Seja pelo amor de Deus!*

O orador: – Pois seja, e muito que lhe preste ao colega, que se lhe faz perdão de Deus pelas blasfêmias económicas que ejaculou, sem dar olhos na civilização, matrona prestimosa, que toda se desentranha em blandícias e florinhas de viço e olor para opulentos e desremediados.

O deputado Calisto: – *Isso que diz em vernáculo?*

O orador: – *Que me não fale à mão, se lhe sobranceio o intellecto*⁴¹.

Na Câmara dos senhores Deputados, ocorre o mesmo tipo de ataques, a que a ironia acentua a ridicularização do adversário. A argumentação *ad hominem* tira partido do encarecimento ritual do interlocutor para, por contraste, o denegrir⁴².

No excerto seguinte, um deputado por demais conhecido, Fontes Pereira de Mello responde a um ataque *ad hominem*, uma acusação de incoerência, de mudança de opinião entre o tempo em que foi ministro e o atual de parlamentar, com um outro, que a ironia torna mais velado, mas também mais eficaz. Realce-se, nomeadamente, a última frase, em que o sarcasmo se sobrepõe:

(28) Permitta-me porém v. ex.^a que de passagem lhe diga, que não fui eu quem deu esse signal de adhesão e assentimento ao illustre ministro. Talvez que aquelle apoiado fosse preciso a s. ex.^a para formular melhor os seus argumentos e dirigir as suas idéas; e n'esse caso se me tivesse avisado, ou eu soubesse que necessitava d'elle, em logar de um lhe daria uns poucos de apoiados, e não faria mais do que retribuir o que s. ex.^a tantas vezes fez a meu respeito. *S. ex.^a foi meu amigo pessoal e meu correligionario politico por muito tempo, apoiando-me calorosamente por muitos annos e por tantas vezes (apoiados), que eu não podia recusar-lhe um triste apoiado na occasião em que s. ex.^a carecia d'elle se me tivesse prevenido a tempo.*
Diário (Câmara dos senhores deputados), 23 de março de 1864.

⁴¹ CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*, p. 65.

⁴² Como no exemplo da nota anterior.

4. Do século XIX camiliano ao século XXI: características dos discursos políticos parlamentares.

No decurso dos 150 anos que medeiam entre a publicação de *A Queda dum Anjo* e a atualidade, os debates parlamentares apresentam uma maior regulação das interações. O tema e a tomada de vez, por exemplo, são previamente definidos por cada bancada partidária, cujo líder negocia estas questões em função das regras regimentais. Os partidos têm agora uma proeminência desconhecida no século XIX. O Presidente da Assembleia da República dá a palavra (e retira-a se for caso disso) de forma mais categórica e mais regulada. Gere efetivamente o uso da palavra. A relação entre os participantes mantém a formalidade e deferência, proscrevendo certas formas de tratamento. As discussões sobre a linguagem parlamentar mantêm a atualidade:

(29) O sr. Pedro Nuno Santos (PS) [...] Esqueceram-se também de criar o limite máximo de idade para se considerar alguém jovem. Não sei o que é para *vocês* um jovem,...

Vozes do PSD e do CDS-PP: — «*Vocês*»?...

Uma Voz do PS: — É da juventude!

O Orador: — ... presumo que sejam os que têm até 30 anos de idade, parto desse princípio. São duas medidas ineficazes que nada acrescentam àquilo que já existe. Já chegava para as chumbar o facto de serem neutras e ineficazes, o problema é que não sei se têm consciência daquilo que *vocês*...

Vozes do PSD: — «*Vocês*» outra vez?...

Diário da Assembleia da República, 21 de abril de 2006.

(30) O Sr. Presidente: – Srs. Deputados, *espero que seja moderado o uso da expressão «vocês» no debate parlamentar.*

Diário da Assembleia da República, 21 de abril de 2006.

Ao contrário do que vimos no século XIX, o *Regimento* atual proíbe o diálogo e nada diz sobre o suporte escrito ou oral das intervenções.

Mas o dissenso, como é evidente, continua a governar as

interações no Parlamento. O discurso hiperbólico e a violência verbal em que se integram os argumentos *ad hominem*, mantêm-se, ou tornam-se mesmo mais explícitos, como características do estilo parlamentar:

(36) A Sr.^a Catarina Martins (BE): – [...] É urgente corrigir a *asneira*, pois esperar pelo próximo Orçamento do Estado e criar ainda mais desemprego, ainda mais falências, ainda mais crise social [...]. *Qual é a parte que os senhores não compreendem? O que é que os senhores não compreendem na estupidez da medida de aumento do IVA na restauração e das consequências que está a ter no desemprego, na economia e na capacidade de recolher receitas fiscais? O que é que os senhores não compreendem?*

Diário da Assembleia da República, 8 de junho de 2012.

A ofensa de particulares, para a qual o Presidente chama a atenção de Calisto, ocorre sobretudo nos apartes:

(37) O Sr. António José Seguro (PS): – [...] De duas uma: ou há um plano de austeridade escondido, de que os senhores não falam, ou, como seria desejável, a Europa terá percebido que a austeridade não é o caminho para sair desta crise.

Aplausos do PS.

O Sr. João Pinho de Almeida (CDS-PP): – *Não seja ridículo!*

Diário da Assembleia da República, 15 junho de 2012.

5. Conclusão

Centrei-me nas características do discurso parlamentar em *A Queda dum Anjo* enquanto *pastiche do discurso parlamentar*. E, de facto, são aí retomadas características dos debates parlamentares da época, mas também da atualidade numa permanência de características que nos permite afirmar a continuidade do género apesar das mudanças sofridas. Não se segue daqui que a representação do Parlamento e dos debates parlamenta-

res em *AQdA* é completa e fidedigna. As características retidas e privilegiadas contribuem para a construção do tom irónico e satírico global; o discurso político vem marcado por tons negativos a que a hipérbole e argumentação *ad hominem*, características dos debates parlamentares «reais», dão ênfase.

Da comparação feita, ressalta, para além da temática, a verosimilhança estrutural, pragmática, relacional entre as cenas parlamentares e o género debate parlamentar.

Este é, no entanto, um quadro de análise, de comparação e de conclusões que sofre de um viés óbvio, quando se considera o Parlamento como lugar de discursos. Mas talvez se aproxime do imaginário social, na caricatura e desvalorização da atividade política.

Referências bibliográficas

ADAM, Jean-Michel – Analyse textuelle des discours: niveaux ou plans d'analyse. *Filologia e Linguística Portuguesa*. Vol. 14, n.º 2 (2012) p. 191-202.

ADAM, Jean-Michel – Discursivité, généricité et textualité. Distinguer pour penser la complexité des faits de discours. *Recherches: Revue de didactique et de pédagogie du français – Les discours en classe de français*. N.º 56 (jan. – juin 2012) p. 9-27 .

BAKHTINE, Mikhaïl – *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, 1984 [1952-1953]. p. 263-308.

BONHOMME, Marc – Citations parodiques et iconicité dans le discours publicitaire. In *Ci-Dit – Communications du IV^e e Ci-dit Colloque International, Nice 11-13 juin 2009*. §1. Mis en ligne le 01 février 2010 : [www:<url:http://revel.unice.fr/symposia/cidit/index.html?id=386>](http://revel.unice.fr/symposia/cidit/index.html?id=386).

BONHOMME, Marc – Publicité et estompagem do género. In MONTE, Michel; PHILIPPE, Gilles (org.) – *Genres & Textes: déterminations, évolutions, confrontations*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2014. p. 88-102.

CARREIRA, Maria Helena – *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain; Paris: Éditions Peeters, 1997.

CASTELO BRANCO, Camilo – *A Queda dum Anjo*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1973 [1864].

CHARAUDEAU, Patrick – La situation de communication comme fondatrice d'un genre: la controverse. In MONTE, Michèle; PHILIPPE, Gilles (org.) – *Genres & Textes : déterminations, évolutions, confrontations*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2014. p. 49-69.

CINTRA, Luís Lindley – *Sobre as "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

HAILON, Fred – L'énonciation dans les pratiques de l'hétérogène. *Revue Tranel*. N.º 56 (2012) p. 119-134.

HUTCHEON, Linda – *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Lisboa: Edições 70, 1985.

MARQUES, Maria Aldina – Cortesia, formas de tratamento e géneros discursivos: condições de ocorrência e de uso. In SEARA, Isabel Roboredo (org.) – *Cortesia: alhares e (re)invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 2014. p. 145-172.

MARQUES, Maria Aldina – Para uma análise linguística dos discursos. A heterogeneidade enunciativa como princípio ordenador da investigação. *Revista de Filoloxía Galega*. (2015) p. 107-121.

MARCUSCHI, Luiz Antônio – Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Vol. 48, n.º 1 (2006) p. 7-22.

RODRIGUES, Sónia Valente – *A Queda dum Anjo* como texto de polémica. *Diacrítica*. Vol. 22, n.º 1 (2008) p. 239-272.

Portugal. Assembleia da República – *Catálogo da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa*. Disponível em [www.<url:http://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd>](http://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd).

índice

- 5 **Nota de apresentação**
- 9 **Construções e desconstruções do amor na ficção de Camilo Castelo Branco**
João Camilo dos Santos
- 19 **Os paradoxos do desejo e da moral (*A Queda dum Anjo*)**
Sérgio Guimarães de Sousa
- 45 **Camilo albumista**
Ernesto Rodrigues
- 57 **Doenças do tempo: Camilo, *A Queda dum anjo***
Helena Carvalhão Buescu
- 67 ***A Queda dum Anjo*, de Camilo Castelo Branco: sequência didática baseada em projeto para leitura integral**
Sónia Valente Rodrigues
- 89 **Problemas de receção e de tradução da obra camiliana na Rússia**
Konstantin Kovalev
- 97 **«Quantum Mutatus»: referências à cultura clássica em *A Queda dum Anjo***
João Paulo Braga
- 111 **Os políticos de *A Queda dum Anjo* e a crítica muito atual de Camilo Castelo Branco**
Luciene Marie Pavanelo
- 125 **Especificidades do discurso político parlamentar em *A Queda dum Anjo*, de Camilo Castelo Branco**
Maria Aldina Marques